Sonetos Amorosos

CCI

Nem o tremendo estrépito da guerra
Com armas, com incêndios espantosos,
Que despacham pelouros perigosos,
Bastantes a abalar uma alta serra,

Podem pôr medo a quem nenhum encerra,
Depois que viu os olhos tão formosos,
Por quem o horror nos casos pavorosos
De mim todo se aparta e se desterra.

A vida posso ao fogo e ferro dar,
E perdê-lo em qualquer duro perigo,
E nele, como fénix, renovar.

Não pode mal haver para comigo,
De que eu já me não possa bem livrar,
Senão do que me ordena Amor imigo.

Sonetos Amorosos

CCII

Debaixo desta pedra sepultada
Jaz do mundo a mais nobre formosura,
A quem a Morte, só de inveja pura,
Sem tempo sua vida tem roubada,

Sem ter respeito àquela assim estremada
Gentileza de luz, que a noite escura
Tornava em claro dia, cuja alvura
Do sol a clara luz tinha eclipsada.

Do Sol peitada foste, cruel Morte,
Para o livrar de quem o escurecia;
E da Lua que, ante ela, luz não tinha.

Como de tal poder tiveste sorte?
E, se a tiveste, como tão asinha
Tornaste a luz do mundo em terra fria?

Sonetos Amorosos

CCIII

Quanta incerta esperança, quanto engano!
Quanto viver de falsos pensamentos,
Pois todos vão fazer seus fundamentos
Só no mesmo em que está seu próprio dano!

Na incerta vida estribam de um humano;
Dão crédito a palavras que são ventos,
Choram depois as horas e os monumentos
Que riram com mais gosto em todo o ano.

Não haja em aparências confianças;
Entendei que o viver é de emprestado;
Que o de que vive o mundo são mudanças.

Mudai, pois, o sentido e o cuidado,
Somente amando aquelas esperanças
Que duram para sempre com o amado.

Sonetos Amorosos

CCIV

Mal que de tempo em tempo vás crescendo,
Quem te visse de um bem acompanhado
A vida passaria descansado;
Da morte não temera o rosto horrendo.

Se os vãos cuidados fôra convertendo
Em suspiros que dão outro cuidado,
Oh, quão prudente! Oh, quão afortunado
A capela de louro irá tecendo!

Tempo é já de esquecer contentamentos
Passados, co a esperança que passou,
E de que triunfem novos pensamentos.

A fé, que viva na alma me ficou,
Dê já fim aos caducos ardimentos
A que o passado bem se condenou.

Sonetos Amorosos

CCV

Ditosas almas, que ambas juntamente
Ao céu de Vénus e de Amor voastes,
Onde um bem que tão breve cá lograstes
Estais logrando agora eternamente.

Aquele estado vosso tão contente,
Que só por durar pouco triste achastes,
Por outro mais contente já o trocaste,
Onde sem sobressalto o bem se sente.

Triste de quem cá vive tão cercado,
Na amorosa fineza, de um tormento
Que a glória lhe perturba mais crescida!

Triste, pois me não vale o sofrimento,
E Amor, para mais dano, me tem dado
Para tão duro mal, tão larga vida!

Sonetos Amorosos

CCVI

Contente vivi já, vendo-me isento
Deste mal, de que a muitos queixar via.
Chamam-lhe amor; mas eu lhe chamaria
Discórdia e sem-razão, guerra e tormento.

Enganou-me co nome o pensamento
(Quem com tal nome não se enganaria?);
Agora tal estou que temo um dia
Em que venha a faltar-me o sofrimento.

Com desesperação e com desejo
Me paga o que por ele estou passando;
E inda está do meu mal satisfeito.

Pois sobre tantos danos ainda vejo,
Para dar-me outros mil, um olhar brando,
E para os não curar um duro peito.

Sonetos Amorosos

CCVII

Nas cidades, nos bosques, nas florestas,
Nos vales e nos montes, teus louvores
Sempre te cantam músicos pastores
Nas manhãs frias, nas ardentes sestas.

E neste templo, donde manifestas
E repartes agora teus favores,
Com salmos, hinos e com várias flores,
Sejam célebres sempre as tuas festas.

Estes te ofereçam pés, essoutros mãos;
Daqueles pendam sobre os teus altares
Monstros do mar, de servidão prisões;

Que eu cuidados, enganos e afeições,
Muito maiores monstros e milhares
Te deixo aqui de pensamentos vãos.

Sonetos Amorosos

CCVIII

Vi queixoso de Amor mil namorados,
E nenhuns inda vi com seus louvores;
E aquele que mais chora o mal de amores,
Vejo menos fugir de seus cuidados.

Se das dores de Amor sois maltratados
Porque tanto buscais de Amor as dores?
E se também as tendes por favores,
Porque delas falais como agravados?

Não queirais alegria achar alguma
No amor, porque é composto de tristeza
Na fortuna que achais mais agradável.

Nela e nele achei sempre a mesma lua,
Em que nunca se viu outra firmeza,
Que não seja a ser sempre mudável.

Sonetos Amorosos

CCVIX

Se lágrimas choradas de verdade
Abrandar podem um coração duro,
Porque as minhas que nascem d'um amor puro
Vos não movem, Senhora, a piedade?

Pois por vós perdi a liberdade,
E da vida não estou inda seguro,
Rompei de desamor tão forte muro
E não useis de vossa crueldade.

A males nunca vistos dai já fim,
E não queirais ser, sendo formosa,
Havida por cruel e homicida.

Para vós vos queria eu piadosa;
Que de o nunca serdes para mim
A esperança tenho já perdida.

Sonetos Amorosos

CCX

Já me fundei em vãos contentamentos,
Quando deles vivi todo enganado
De um fantástico bem e de um cuidado,
De que só cuidam cegos pensamentos.

Passava dias, horas e momentos,
Deste enleio de amores tão pagado
Que tinha só por bem-aventurado
Quem só por eles mais bebia os ventos.

Mas agora que já caí na conta,
Desengana-me quanto me enganava,
Que tudo o tempo dá, tudo descobre.

O amor mais caudaloso menos monta;
Que é de gostos mais rico, eu ignorava,
Aquele que de amores é mais pobre.

Sonetos Amorosos

CCXI

Em uma lapa toda tenebrosa,
Aonde bate o mar com fúria brava,
Sobre uma mão um rosto, vi que estava
Uma Ninfa gentil, mas cuidadosa.

Igualmente que linda lastimosa,
Aljôfar dos seus olhos destilava;
O mar os seus furores aplacava
Com ver cousa tão triste e tão formosa.

Alguma vez na horrível penedia
Os belos olhos punha com brandura,
Bastante a desfazer sua dureza.

Com angélica vos, assim dizia:
“Ah! que falta mais vezes a Ventura
Donde sobeja mais a Natureza!”

Sonetos Amorosos

CCXII

Transunto sou, Senhora, neste engano,
E tratar dele comigo é escusado,
Que mal pode de vós ser enganado
Quem de outras como vós tem desengano.

Já sei que foi à custa de meu dano
Que só no doce dar tendes cuidado;
Mas pera como eu sou de vós julgado,
Mui vãs são as esp'ranças deste ano.

Tratei grão tempo d'Amor, e daqui veio
Conhecer o fingido facilmente,
Que tal é, gentil Dama, o que mostrais.

De treslida caístes neste enleio;
Querei de mim o que quiser boamente,
Que no al a costa arriba caminhais.

Sonetos Amorosos

CCXIII

Se alguma hora em vós a piedade
De tão longo tormento se sentira,
Não consentira Amor que se partira
De vossos olhos, minha saudade.

Aparto-me de vós; mas a vontade,
Que pelo natural n'alma vos tira,
Mas faz crer que esta ausência é de mentira;
Mas inda mal, porém, porque é verdade.

Ir-me-ei, Senhora; e, neste apartamento,
Tomarão tristes lágrimas vingança
Nos olhos de quem fostes mantimento.

Assim darei a vida a meu tormento;
Que, enfim, cá me achará minha lembrança
Sepultado no vosso esquecimento.

Sonetos Amorosos

CCXIV

Senhora minha, se de pura inveja
Amor me tolhe a vista delicada,
A cor, de rosa e neve semeada,
E dos olhos a luz que o Sol deseja;

Não me pode tolher que vos não veja
Nesta alma, que ele mesmo vos tem dada,
Onde vos terei sempre debuxada,
Por mais cruel imigo que me seja.

Nela vos vejo, e vejo que não nasce
Em belo e fresco prado deleitoso
Senão flor que dá cheiro a toda a serra.

Os lírios tendes numa e noutra face;
Ditoso quem vos vir, mas mais ditoso
Quem os tiver, se há tanto bem na terra!

Sonetos Amorosos

CCXV

Se a ninguém tratais com desamor,
Antes a todos tendes afeição,
E se a todos mostrais um coração
Cheio de mansidão, cheio de amor;

Desde hoje me tratai com desfavor,
Mostrai-me um ódio esquivo, uma isenção;
Poderei acabar de crer então
Que somente a mim me dais favor.

Que, se tratais a todos brandamente,
Claro é que aquele é só favorecido
A quem mostrais irado o continente.

Mal poderei eu ser de vós querido,
Se tendes outro amor na alma presente,
Que amor é um, não pode ser partido.

Sonetos Amorosos

CCXVI

Gostos falsos de amor, gostos fingidos.
Gostos vãos sempre limitados,
Gostos grandes enquanto imaginados,
Gostos pequenos quando possuídos;

Ainda não alcançados já perdidos,
Ainda não começados já acabados,
Inconstantes, mudáveis, apressados,
Aparecidos e desaparecidos.

Já vos perdi, e perdi a esperança
De vos cobrar; agora só queria
Convosco se acabasse esta lembrança;

Que, se me cansa a vida e fantasia,
Viver de vós tão longe, mais me cansa
Lembrar-me o tempo que vos possuía.